

DIEGO MENDES SOUSA

O viajor de

Altaíba



Diego Mendes Sousa é um predestinado. Muito jovem, e já veterano nas artes poéticas, lança mais um livro: "O Viajor de Altaíba".

Sua bagagem cultural é extensa, oriunda de leituras e pesquisas continuadas e diversificadas. Intimamente ligado à Natureza, ao Cosmos, ao Amor. Viajor de órbitas inusitadas, onde tem livre trânsito entre posturas de belas metáforas. Em cada poema desdobram-se outros poemas, que se entrecruzam harmonicamente. Entre iluminados itinerários, o viajor nos privilegia com descobertas, rompendo fronteiras afetivas, com elas se imbricando. Sexualidade de puro lirismo, que se renova, incansável, com integração plena.

(...) e renasço  
nas ancas apertadas  
para o sexo do novo dia  
macho e fêmea  
nas asas  
do mesmo orgasmo (...)

O viajor promove o transporte de sua alma, respirando outros ares, navegando outros mares, mergulhando em novas porfias, enfrentando ancestrais desafios, e sobrevivendo com a vibração de sua poesia e a têmpera do obstinado.

O lirismo marca presença:

(...) ninguém deve saber  
da infiltração do amor  
detrás das paredes (...)

*com o nome  
de Altaíba*

O viajor de

# Altaíba

*com o nome*

*de*

*Altaíba*

*de Altaíba  
2019*



DIEGO MENDES SOUSA

# O viajor de Altaíba



EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Altair Maria Sousa Marinho

IMAGEM DA CAPA: *Estrada no Tahiti*, Gauguin, 1891

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S725t SOUSA, Diego Mendes. 1989 –  
O viajor de Altaíba / Diego Mendes Sousa. – Guaratinguetá, SP:  
Penalux, 2019.  
102 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-498-3

1. Poesia. I. Título.

CDD: B869.93

---

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## SUMÁRIO

- 7 NAS ESPORAS DE UM RAIO – O OLHAR  
DO POETA DIEGO MENDES SOUSA
  
- 12 OPUS I: O FORASTEIRO DAS NUVENS
- 13 O VIAJOR
- 14 ALTAÍBA
- 16 O EXÍLIO
- 18 O ESTRANHO
- 19 A CORAGEM
- 21 O INTERVALO
- 23 O SIGNO
- 24 O RADAR
- 25 O MOTOR
- 26 O PORTO
- 27 O PASSAGEIRO
- 28 O COMPANHEIRO
  
- 29 OPUS II: E OUTRAS FUGAS ESTRANGEIRAS
- 31 A SAÍDA
- 33 A DESPEDIDA
- 34 OS PRESSÁGIOS
- 36 O FEITIÇO
- 37 OS FEITICEIROS
- 38 OS PARENTES
- 39 A PROFECIA

- 40 O DESVENDAR  
41 A POESIA  
42 O MISTÉRIO  
43 O PEREGRINO  
45 A TOCAIA  
47 A QUEDA DO EGO  
48 METALINGUAGEM
- 49 OPUS III: O CORAÇÃO EM GEADAS
- 59 OPUS IV: ESCRITO NO TEMPORAL DAS NOITES
- 64 OPUS V: BERÇO D'EU MENINO
- 72 OPUS VI: O GIRASSOL NOTURNO
- 81 OPUS VII: OS DESASSOSSEGOS PÁSSAROS
- 85 OPUS VIII: SOLILÓQUIO DE UM RATO
- 92 OPUS IX: O ZÍNGARO
- 96 OPUS X: ÀS VÉSPERAS DO AMOR



# NAS ESPORAS DE UM RAIO – O OLHAR DO POETA DIEGO MENDES SOUSA

Por CARLOS NEJAR

Jean Cocteau salienta, com razão, que se “reconhece um poeta – não pelo estilo – mas pelo olhar”. E o olhar de Diego Mendes Sousa é o fogo de suas metáforas. E se pelas mãos do verso se reconhece um autor, seu olhar está nas mãos, “por ter fogo em suas mãos”. E a frase é do andaluz García Lorca.

Esse olhar, todavia, assinala uma posição romântica no tratamento do amor e certo Simbolismo que permeia as metáforas (lembro dois títulos de livros anteriores: *Fogo de Alabastro*; *Candelabro de Álamo*), que mostra o retorno das escolas com nova face, dentro do Modernismo.

Mas este livro fala de uma viagem. Ela vai de texto em texto e de autor em autor (os poemas todos dedicados). Não é uma viagem, como a de Céline, “para o fim da noite”, mas como se vagasse em rodas de palavras, percorrendo em verso curto, quase atomizado, a busca do coração da terra, da pessoa que ama (e tem nome de estrela) e o da poesia. O núcleo central deste palpitar é a volta à Altaíba, lugar imaginário, que vislumbra a Parnaíba, no Piauí, núcleo da infância e o sagrado lugar do nascimento.

Por isso, o poeta salienta, em beleza e profundidade: “Penetro / no chão / abismal / do grito / da terra // no escuro / fundo / da linguagem / de Deus.//”

Este é mais um livro numinoso do poeta, que demonstra maturidade conquistada, com que amor se infiltra nas paredes dos poemas. E ser poeta é redescobrir a infância no sonho, pois criar é estar na infância.

Sim, tal poesia é andarilha, tendo um “passar com os pés no escuro”. Com litania suave, andar de silêncios. E as imagens que brotam, uma das outras, como pegadas no chão do desconhecido. E se o sentido da poesia para Borges é “translação”, ou viagem de símbolos, Diego tem nessa romaria, seus próprios mitos, com uma imagética peculiar, original. E a linguagem não retira a realidade, mas a desvenda. Usando a analogia como operação combinatória, em que se elabora como ato de inocência.

Diz Octavio Paz que “a poesia se ouve com os ouvidos mas se vê com o entendimento”. E essa criação, auditiva e visual se desloca no espaço do tempo. Tendo o poeta a memória do coração, como queria Kierkegaard.

Diego Mendes Sousa é forasteiro de si mesmo, por ser sua fronteira ou divisa, a alma. E tenta repetir no ritmo “o lado do raio”. O raio da velocidade com que a luz se move entre as palavras. E uma velocidade que assusta. Por ser a verdade assustadora.

Paul Valéry afirmava que “a poesia é o desenvolvimento de uma exclamação”. Ou seja, o espanto diante do universo. Permitindo o aparente descaminho, para inventar seu próprio som, hibernando dentro da palavra. É ali, o ninho, a cavidade, a miragem, o carretel, a voz de chilreante passarinho. Com entonação singular, voz que identifica um rosto.

E são tocantes e novas as metáforas, a roupa dos poemas: “Assemelhou-se à neblina / a doce lágrima da avó”... “O coração é uma tempestade / a própria / geada”... “Aprendeu a alma / nas esporas de um raio”... “Morrer: / o longo dormir // O carretel do coração: / o pássaro / a tornar-se ausente.//”... “Estampilhar a alma / de sinos”... “O mar nunca bate / seus pesados cristais”... “sal / epifânico / e purificado / de nome” (...) (A luz)

se apaga / na vaga / do clarão / e foge”... “A universalidade / sela as estrelas” ... “A sublimação dos animais / é secreta”...

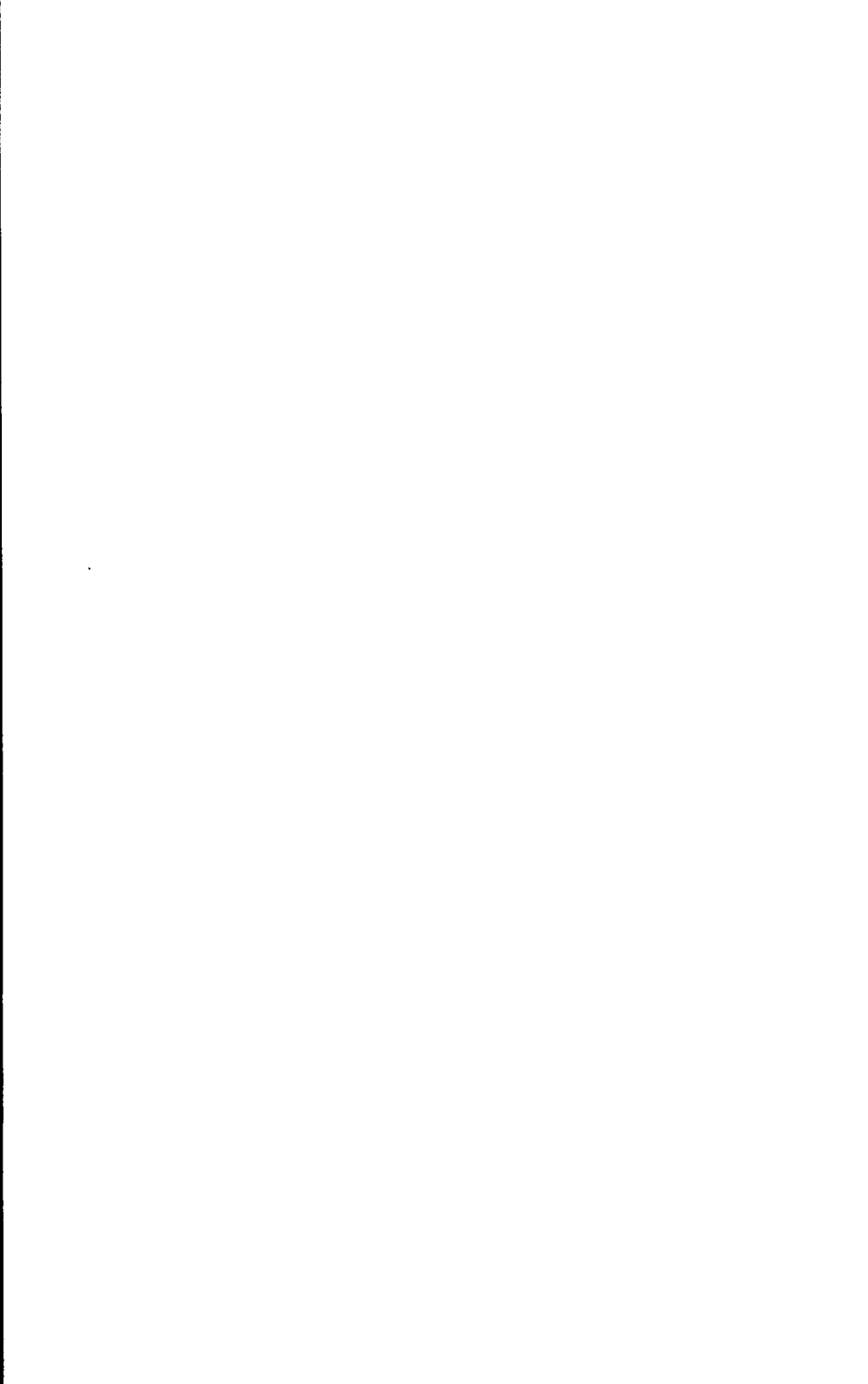
E secreta é a voltagem do ritmo, as elipses, cintilações, o andar de faca do verso e o verso de faca na alma.

Diego Mendes Sousa é um dos expoentes da poesia na Nova Geração geração, com aguda percepção crítica. Tem vocação de humanista, com sede do universal, que ele próprio acentuou, “a universalidade (que) sela as estrelas”.

E seu livro, *Viagem à Altaíba* é invenção generosa, a *Pasárgada* deste bardo da Parnaíba. Se é vertigem dos sonhos, vertigem da *infância que se recupera*, também prova que os poetas inventam a realidade, como é a realidade que inventa os poetas.

*Morada do Vento, Vitória, Espírito Santo, 05 de janeiro de 2014.*

CARLOS NEJAR é jurista e escritor.  
Da Academia Brasileira de Letras.  
Da Academia Brasileira de Filosofia.



Este livro foi escrito em um exílio voluntário, longe da minha  
alma litorânea (Parnaíba – PI), durante o ano de 2013.

---

Opus I:  
**O FORASTEIRO  
DAS NUVENS**

- Quem és tu?
- Se eu soubesse, não diria.
  
- De onde vens?
- De um país que não tem nome.
  
- Quando chegaste?
- Certa noite... um dia...
  
- Sozinho?
- Minha sombra acompanhou-me.

(GUILHERME DE ALMEIDA)

# O VIAJOR

*Para Affonso Romano de Sant'Anna*

Coloquei a bagagem no dorso do meu destino  
Disseram: Não vá!  
Eu fui armado  
na fé  
de viajor de sonhos  
e passageiro caminhante e andarilho  
nos trilhos de meu trem descompensado

Viajante de ligeiros passos  
eu estou na velocidade  
do interior de vento

e alimento  
nos sinais da alvorada  
a bela ramagem  
nas almas pesadas  
na rota da vida sombria:

a viagem de solitários traços!

Meu misterioso passar  
com os pés no escuro

## ALTAÍBA

Nasci na Parnaíba.  
Amo Altair.  
Moro em Maringá.

Altaíba,  
meu país  
de hibernar

João da Parnaíba.  
Maria de Ingá:

Altaíba!

Meu enamorar  
de narcisar  
o poetar  
na visão  
dos grandes  
olhos verdes  
a ornamentar  
Maringá



Altair da Parnaíba:

Altaíba,  
de meu inventar  
de linguajar  
um viajor  
do mais amar

# O EXÍLIO

*Para Cláudio Murilo Leal*

Quando deixei os ares  
da terra santa  
resolvi andar  
em sina  
cigana  
para chegar  
no choro  
dos guarás

Voei  
na revoada  
de alerta  
do mar

nas águas  
de rio sonoro  
cantante  
em minha vigília  
de cavaleiro  
esquisito

O quixote  
sem as patas  
de cavalgar  
em luz de azul  
perdido

Vou  
no silêncio  
do exílio

## O ESTRANHO

*Para Margarida Finkel*

Correr no amor que mais cresce  
Ascender nas velas do fogo inspirado

Amar os trilhos do sem fim do amor  
Que mais cresce na viagem

Que mais cresce na voragem

## A CORAGEM

*Para Nélida Piñon*

O difícil é a ponte  
atravessar a légua  
das distâncias

O difícil é a ponte  
ultrapassar a coragem  
e a brutalidade dos homens

O difícil é a ponte  
aterrissar em área  
estranha  
que é um outro  
mirante

O difícil é a ponte  
acelerar na força  
para guardar  
o sonho  
de ser  
permanência  
nas geografias

O difícil é a ponte  
horizontalar os ângulos  
no descaminho das almas  
assombradas

O difícil é a ponte  
repetir o lado  
de um raio  
nas duas  
claridades

O difícil é a ponte  
o sol e as margens

## O INTERVALO

*Para Altair Marinho*

Porque amei os teus olhos verdes  
a suavidade de meu canto resplandece  
em um outro caminho de aurora

Porque amei os teus olhos verdes  
a primavera sorri nos lírios nas xananas  
e nas verbenas de meu cansaço

Porque amei os teus olhos verdes  
as estrelas abrem-se nas noites  
de minhas milhas navegantes  
de selvagem

Porque amei os teus olhos verdes  
a fugacidade do mundo levanta-se  
sob o tempo do longo intervalo

Porque amei os teus olhos verdes  
o rumo da alvorada torna-se neblina  
e renasço  
nas ancas apertadas  
para o sexo do novo dia  
macho e fêmea

nas asas  
do mesmo orgasmo  
gozando  
no rotacionar dos infinitos

porque amei os teus olhos verdes  
no abismo e no tato do amor  
em alarido de balada  
estampido



# O SIGNO

*Para Jorge Tufic*

Paralém do parálio  
Paralém da cidade:

aceno

Alapardar-se

só o coração

# ORADAR

*Para Lygia Fagundes Telles*

Esse mediterrâneo sem nome  
O coração de acesso à fronteira  
do amor  
o mapeamento da paragem  
de som e alerta

O radar da procura  
O laço da estrada  
A roda e a ciranda

O mediterrâneo inominado  
é o Tempo

# O MOTOR

*Para Myriam Fraga*

Quis o Amor a permanência  
o vibratório na cortina do quarto

O vento tem vida  
e fortifica incessante

## O PORTO

*Para Renata Pallottini*

Como um casulo estrangeiro  
estou no ninho de pássaros  
aberto ao continente  
e ao sagrado de um voo

O poeta é ave  
e o porto é escuro

não se conhecem  
o trovador  
e o suposto rasante

# O PASSAGEIRO

*Para Alberto da Costa e Silva*

Morrer:  
o longo dormir

O carretel do coração:  
o pássaro  
a tornar-se ausente

## O COMPANHEIRO

*Para Antonio Carlos Secchin*

O passageiro é um pássaro  
de alado sonho distinto

suas asas são torrentes  
seu bico é liberdade

suas penas são espera  
o companheiro caminha

Opus II:  
**E OUTRAS FUGAS  
ESTRANGEIRAS**

– Que trazes?  
– A esperança de um “jamais”.

– Vieste?...  
– Lembrar ou esquecer aqui.

– Lembrar o quê?  
– Já não me lembro mais.

– Vieste esquecer o quê?  
– Já me esqueci.

(GUILHERME DE ALMEIDA)





## A SAÍDA

*Para Lina Tâmega Peixoto*

Sob o olhar de sua mãe  
o viajor partiu  
em sua fuga  
desenfreada  
sobre as nuvens  
do amor

O viajor partiu  
para fugir  
do pesadelo  
de sua carga  
sonolenta

Na força de seu destino  
o viajor partiu  
nas lágrimas  
de seu alento  
forasteiro

Deveras  
o viajor partiu  
para outras fugas  
a galope de amar

sob a fogueira  
das conquistas  
e nu -  
vem

## A DESPEDIDA

*Para Astrid Cabral*

Assemelhou-se à neblina  
a doce lágrima da avó

o colo de seu terço  
no poder de proteger  
o viajante  
em sua hora  
composta  
de ardor

aos pedaços  
sonoros  
de seu calar  
de imensa  
dor

# OS PRESSÁGIOS

*Para Marco Lucchesi*

1.

...

O Tempo presenteia  
no ar da corrida

O mar nunca bate  
seus pesados cristais  
nas areias do eviterno

a viagem é partida

2.

...

O Tempo passa  
(essa é uma máxima)  
a sua velocidade  
assusta

Em alta voracidade  
o Tempo passa  
e sempre assusta

3.

...

O Tempo é turista

O projeto do viajor  
é ser visionário  
e alerta  
na passarela  
da ausência  
dele mesmo  
cordilheira

## O FEITIÇO

*Para Miguel Jorge*

O sal da tarde  
a pele em suor  
ao corpo do sol

Piso nas águas  
de minhas entranhas:

O evaporar tem cheiro

O viajor é o macho  
e o enleio do faro  
é a fêmea  
em seu turbulento  
anseio de carne  
em rodeio  
de vir e ir  
repleto  
no lago  
translúcido  
do desejo

# OS FEITICEIROS

*Para Luiz de Miranda*

Coisa de macho e fêmea  
é unir os sexos

Ninguém deve saber  
da infiltração do amor  
de trás das paredes

A sublimação dos animais  
é secreta

## OS PARENTES

*Para Carlos Nejar*

São irmãos  
o poeta e o profeta  
no laço infinito  
das visões

O poeta e o viajor  
são primos  
na igualitária fuga  
inimiga



# A PROFECIA

*Para Cecília Costa*

A universalidade sela  
as estrelas:

a esperança da poesia  
é ser noturna

## O DESVENDAR

*Para Maria Carpi*

Não está revelado  
o lacre do Amor

Amar é mistura  
de profecia  
e lirismo

a voz dos corpos  
e um grito

# A POESIA

*Para Ivan Junqueira*

Roubaram-me

Na escuridão de meu peito  
alojou-se a infância

# O MISTÉRIO

*Para Antônio Torres*

Aprendeu a alma  
nas esporas de um raio  
e o coração  
na agulha  
de um sussurro:

vida

# O PEREGRINO

*Para Antonio Cicero*

Ao mirar-lhe a face  
vejo o meu próprio  
terror  
o Amor:  
o sofrimento  
das tragédias  
na alma  
e a carne surda  
dos tormentos  
a tempestade sonora  
dentro do corpo  
o assopro da luz  
nafragada  
a vida despetalada  
no belo  
a miragem de uma  
viagem ao eterno  
de puro sonho  
nas nuvens  
de perturbadas  
águas  
o mar que encerra  
fugas e oceanos

no marejar  
do coração  
solene  
e grave  
nas navalhas  
do destino

Cristo,  
o peregrino

na cruz  
de duas vias  
aceleradas

# A TOCAIA

*Para Dimas Macedo*

Essa substância de dramas  
eis como estou  
em galáxias de complexidade

A revolta  
do caminho grave  
o vazio inesperado  
do vagido

um buraco  
fundido ao coração  
de asas  
que não se arremessam  
em voos infinitos

é o desespero da visagem  
de criar o infortúnio  
de meu secular pesar  
nas armas do destino  
como explosivos de tocaia  
nos olhos soberanos  
de afundar  
no âmago

a esperança  
o grito

no abismo

na profusão da pele

de bradar sem ecos  
no interior da melancolia  
da imorrida vida

é difícil a espera  
do ponteiro da morte  
imprevista



# A QUEDA DO EGO

*Para Luiz Gondim de Araújo Lins*

Uma calada noturna  
como um corpo sonoro  
de luz

O Amor se derretendo  
em seus raios  
uma canção que se  
irradia no ar  
solitário dos dias  
amargos

A queda dos braços  
na música da força  
imagética  
A substância  
do eco  
dolorido  
em seus  
passos

Caminhar  
é pisar  
no freio  
do ego  
deitado

# METALINGUAGEM

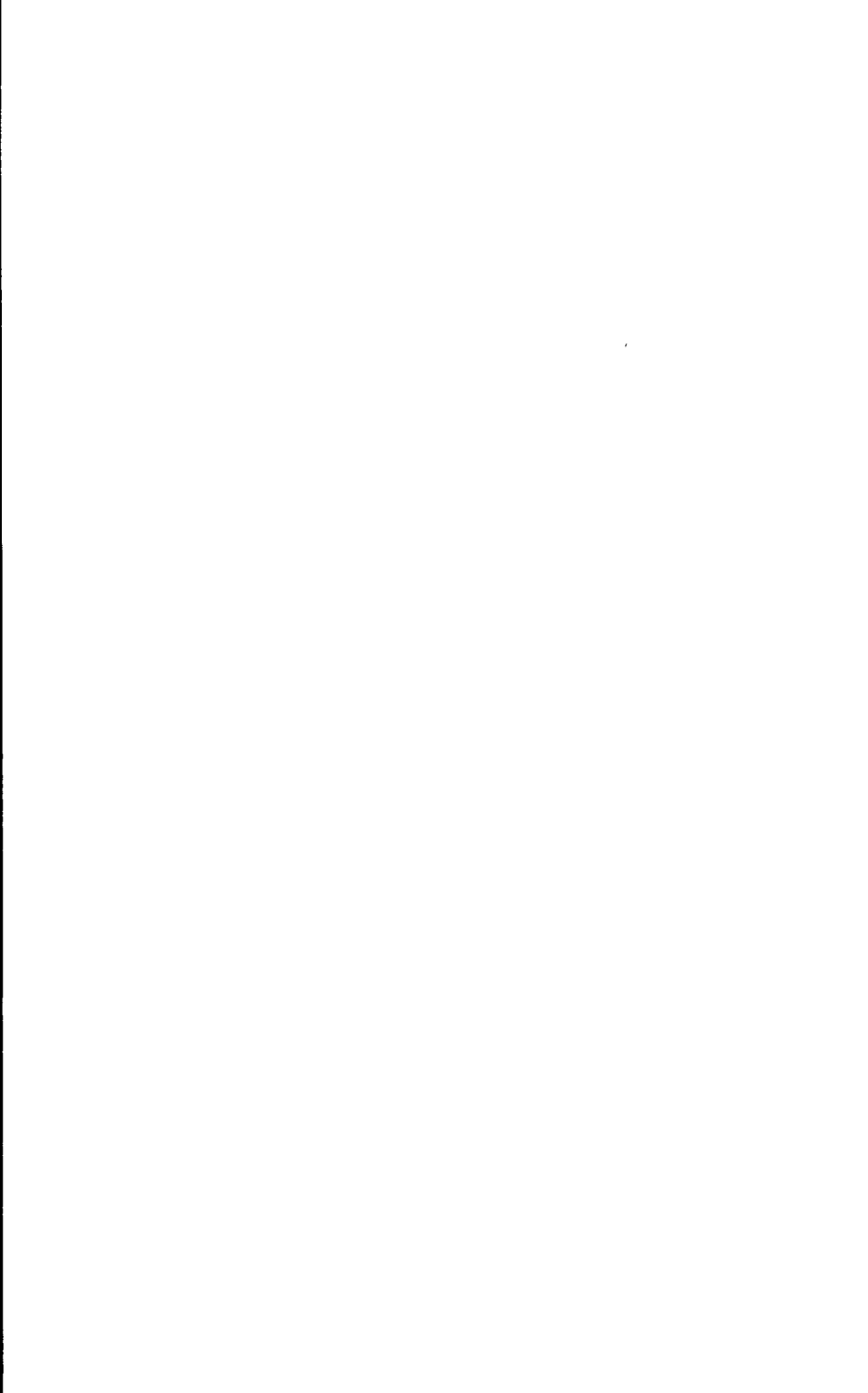
*Para Ferreira Gullar*

Ai que vontade de esganar Clarice  
Ela me ensinou o infinito  
o perdido  
o áspero e o desespero

no halo de uma flor  
a devorar meu espelho

Opus III:  
**O CORAÇÃO  
EM GEADAS**

*Para Edla Van Steen  
e Sábado Magaldi*



I –

No frio  
as pessoas são tristes  
e os meus pés são neves

II –

O coração em geadas  
é uma pólvora perdida

III –

Essa caminhada lenta  
a marcha  
de uma jornada  
escarcha

IV –

Estiramento  
o peso das distâncias  
a amargar  
o chão

V –

O rio é estirão  
no passeio do tempo

VI –

Gelado é o coração  
um atropelamento  
ilusionista

VII –

A febre de ser dia  
quando o mar  
é esgotamento

VIII –

Conquista  
a eletricidade  
de ser revista  
e artista

IX –

O Poeta é isto:  
o colosso e a violeta

X –

Em flocos  
os pedaços  
são gelos  
e inferno

XI –

O prelúdio  
e o canto  
da friagem  
assombram

XII –

Contornar  
a miragem  
da alma

passagem

XIII –

Estampilhar  
a alma  
de sinos:

o vento  
e o destino

XIV –

Consertar  
as guias  
do profeta  
é iluminar  
o piso  
do poeta

XV –

Amar  
em voz  
de passarinho  
é limar  
os versos  
e os ninhos

XVI –

A luz  
que guia  
os sons  
dos ventos  
frios

apaga  
na vaga  
do clarão

e foge



XVII –

A noite  
rompe a chaga  
do coração

o Amor brota  
da sangria dos sexos  
crescidos

XVIII –

Que o outono desabroche  
e surja como folhas  
em campos  
a barragem de uma flor  
em branco

XIX –

Mais o tempo  
vive  
no beco  
de um eco  
ferido

XX –

Mais o Poeta  
vive

na viela  
de um tempo  
seco  
e gélido

XXI –

Movido  
o coração  
é punido  
e ouvido

XXII –

A palavra é sumida  
em sua dívida  
de frio

XXIII –

Tímidas  
as mãos  
escrevem  
a sentença  
de um  
enregelado  
coração:

amar e amar  
no desatino  
de um vulcão

XXIV –

O nariz  
resfriado

encharcado  
em frieza  
e delírio

XXV –

Entusiasmado  
o coração  
é um lírio  
de intenso  
desvario

XXVI –

São graus  
positivos  
os olhos  
da amada  
vividos

XXVII –

O que vale o Amor  
na rosa dos sonhos  
senão a friagem

de orvalhos  
azuis

XXVIII –

Solitário  
é o raio  
o sol  
dos pássaros  
no descompasso  
da aurora

XXIX –

Solitário  
é o raio  
a lua  
dos lobos  
no compasso  
da calada  
sombria

XXX –

O coração  
é uma tempestade  
a própria  
geada  
nos ares  
amargos  
do sul

Opus IV:  
**ESCRITO NO  
TEMPORAL  
DAS NOITES**

*Para Maria José Ferreira,  
minha avó*



Quero ter escrito a obra poética consagradora  
na altipotência do mundo.

Na vida, tudo é clemência doentia:

a linguagem

dominada pelo desespero nato.

A voz chorosa

a coligir sonhos e medos, costurando o lobo  
escondido na pele do cordeiro, a transbordar  
a vertigem que catalisa a dor, redoendo, redoendo  
na infinitude dos ferimentos.

A morte – algo iluminado pela  
canção – que invade o ser,  
desventuroso, no paladar feroz dos  
dias incontínuos, a loucura  
a devorar a lucidez pálida do poeta em dias utópicos.

Não, melhor é a dor.

A dor é maior que a ilha das  
fabulações. Ela cerca a sombra  
da alma, voando, voando  
no horizonte das horas tristonhas.

É a mesma dor do Amor,  
que de longe avista lágrimas!

A saudade – um eco repleto no coração –  
a evocar espaços e nostalgias  
os nomes que conheço  
a partida na voracidade,  
no tempo...

O Tempo já se disse eternizável.

O Tempo é temerário do seu próprio destino.

Os sentimentos são estritez da contenção,  
no escuro.

Tenho o porto tímido das palavras, a flunar  
emotivas e intraduzíveis, abarcando, abarcando  
a infância, ilusão das ilusões iludidas.

A criança  
girando, girando na neve febril.  
O arco nas mãos a mando da escrita,  
à luz da precariedade.  
O colosso visionário dos elos,  
o terço das vagas chagadas  
pelo sangue apodrecido,  
a melindrar o corpo esvaído.

Só, sou meu astro  
nu,  
despido do alarido  
transgredido,  
na poeira,  
vagando, vagando  
na errância  
da profecia.



Queria ter escrito a obra poética consagrada  
no caminho do meu pranto.

À vida,  
a despedida branca  
das ventanias...

Escritos, estamos, no temporal das noites  
impedidos e absolutos  
em sacrifício de Deus.

Esta noite,  
sei, sim, que choro.

Tenho as visões do presságio  
e uma fortaleza no precipício  
abismando, abismando...

Opus V:  
**BERÇO D'EU**  
**MENINO**

*Para João Paulo dos Reis Velloso*

Hoje que sou galho  
uma tremenda raiz  
puxa-me os pés

trilhas alagadas  
nas ventiladas areias  
do berço d'eu menino

sou um rio no curso  
onírico  
andando na quentura  
da tarde

Espero as estrelas  
marinheiras da noite

vindo  
como um susto  
apressado

no alento folheado  
do meu coração

Sei que a hora é de implosão  
Minh' avó,  
na noite da saudade

a cordilheira se desespera  
é o drama do perder  
na velocidade do tempo

(que não irá retornar  
na secular trama  
da árvore desgarrada  
como pássaro distante da ilha)

posto na imagem de teu sorriso  
mais íntimo de minha lembrança

Sei que a vertigem tombou  
meus olhos repletos de lágrimas  
recolhendo o desejo do rever  
teu rosto  
nos prados varridos  
pela vida  
(tão triste tão perdida)

sem elos  
que fazem  
a comunhão do destino

Essa dor se completa infinita  
como um colosso intraduzível  
em seu eco  
sem identidade

Agora que sou mar  
um oceano naufragado  
de águas salgadas

Penetro  
no chão  
abismal  
do grito  
da terra

no escuro  
fundo  
da linguagem  
de Deus

Ele!

– que predestinou  
o sofrer ardente

o passo contrário  
dessas ilusões  
inteiras  
de âmago  
invadido

o choro  
cantante

e sempre  
errante

Já que sou rio  
vou ligeiro  
atrás dos mistérios  
magos

que me querem  
alado  
como um anjo  
ausente

Mas a composição  
do meu turbulento  
sangue  
evoca  
o amor da Musa  
na tempestade  
dos raios  
afundando  
barcos  
carregados  
de óleos  
escorregadios

Só eu sei  
amar  
sem morrer  
porque  
Amar  
é uma armadilha  
certeira  
nos frutos  
carcomidos  
da beleza

Minha poesia  
quer  
a permanência  
no ar

solitário  
desse céu  
extremamente  
azul  
da cidade  
donde  
venho

de dunas  
peregrinas  
e de guarás  
bravios

Nasci nos braços do Parnaíba  
no negrume de uma rua  
onde minha mãe  
semeou  
seu gemido  
eterno

desde então  
o sol contempla  
meus apertados  
olhos  
no espetáculo  
do mundo  
angustiado  
nas fugidias  
pedras  
da balada  
sonora  
de meu  
choro

audível  
ainda  
no instante  
dessa  
glória  
fagulhada  
de memória

Aqui  
a passagem  
dos dias  
é tufão  
em silêncio

um corredor  
de partida  
para  
a longa  
aventura  
dos segundos  
inarredáveis  
de um viajor  
e seu pergaminho  
de couro envelhecido

Os caju são alianças  
de carne e pecado  
castanha de brancura  
voraz  
na pele  
do jardim descampado  
da aurora



Os caranguejos  
saem para o mangue  
em rotina suja  
aos fantasmas  
do mar

Aos Poetas  
luzem  
a cor  
(vibrante das xananas)  
e o ritmo  
contínuo  
de ir (para os lados  
da praia inominada)

Caju e caranguejo  
almas de todo ser  
vivente

que deseja  
o mesmo porto  
durante a voragem  
do medo  
debandado  
das raízes  
em evidência:  
a morada dos caranguejos  
escudos de pau  
e casca  
do tronco  
deste sal  
epifânico  
e purificado  
de nome

Opus VI:  
**O GIRASSOL  
NOTURNO**

*Para Fabio de Sousa Coutinho*

O Tempo não volta  
a dor de saber-se passado  
no espantoso farol  
dos dias  
fustiga  
e comprime  
os espaços  
da dor de saber-se passado

Os sonhos que evolaram  
por mim  
em olhos de desespero  
voaram longe  
dos caminhos atiçados  
na memória

Revi a velha casa  
de banheiro verde  
onde minha avó  
guardava os sapatos  
de seus passos  
estancados  
em aleluia

O quarto  
onde sozinha  
rezava  
as ilusões

de seus  
desejos  
impossíveis

Vi minha avó  
chorando  
em sua prece  
ardorosa  
pedindo  
a Deus  
do celeste  
a paz  
dos tormentos

Estava ali  
nas noites  
nas estrelas  
semeadas  
pelo manto  
dos céus

– eu a observava  
ela não me via  
em lágrimas  
eu me desfazia  
gritava  
e ela não ouvia

Vovó,  
o Tempo não volta  
seu predicado é sentencioso  
a caligrafia mais explosiva  
das naturezas  
do intransponível

A glória é saber-se passado  
a dor doída de sangue  
remoendo  
os engenhos  
da rosa secular  
em dilúvio

A força é saber-se passado  
o coração se roendo  
em dor simbólica  
de amor  
e pranto

a fragilidade dos amores  
correndo nos campos  
selvagens do mundo

Abro o Tempo  
que não volta

minhas mãos queimaram  
na descoberta naufraga  
dos pesadelos vívidos  
no cordão purificado  
dos delírios fugidos  
do sol  
dos ares azuis  
da tempestade

Aquela casa  
de escadas marmóreas  
reapareceu nas imagens  
de meus pensamentos  
soturnos

No fundo,  
minha avó chamava-me  
para alimentar-me  
do pão ressecado  
das horas  
forasteiras  
de seu rosário  
sabido  
e repetitivo

O sino badalava

Era o instrumento  
que no almoço  
ela tocava  
felicíssima

À espera,  
Ó Kavafis,  
dos bárbaros  
peregrinos  
de sua ceia  
fraternal

Os sinos badalavam

no templo  
de sua escolta  
destronada

a casa  
revivendo  
nos meus

enlaçados  
temperamentos  
de revolta  
e sandice  
imperdoáveis

Aqui,  
no sono,  
os lençóis  
dormiam  
fragilizados

a cama  
plenamente  
estava estremecida

o corpo:  
dolorido  
sempre

pela matéria  
dos oásis  
sórdidos  
desse  
presságio  
castigado

pelas  
velas  
do Tempo  
que não  
volta

O Tempo:

o girassol  
noturno  
a apontar  
feridas  
eternizadas  
na dor  
das ausências

Ai  
Benjamim Santos,  
amigo escudeiro,  
trago a dor  
no peito  
contraindo  
palavras  
tristes

Ah  
Tarciso Prado,  
meu pai fantasioso,  
peço a luz  
dos andarilhos  
para que  
eu aquiete  
a alma  
nos pecados  
da aurora  
destrutiva

Oh  
Carlos Pontes,  
o único que acredita



na beleza de meus sonhos  
distantes do real

Dai-me a canção,  
alaridos passageiros,  
necessária para  
a travessia dos mares  
sonoros de amenidades  
e esconderijos

Minha avó,  
o galope  
da saudade  
é destemido

e fico a rir  
na desventura  
dos silêncios  
em nevoeiro

Meu ser é tristonho  
minha veste é mentirosa,  
mamãe,  
que no batismo  
fez-me um duplo  
de diversos egos  
perturbados

Deus, meu Deus,  
que enleio amargo  
a pedra  
e a prepotência  
da poesia entornando  
os mapas e as minas

justo agora  
que leio as folhas claras:

os visgos da terra de Astrid Cabral as  
noites voadoras de Jorge Tufic  
as chaves misteriosas de Helena Ferreira  
os lábios dulcíssimos de Altair!  
as mantras de Anderson Braga Horta a  
casa apaixonada de Nélida Piñon  
as vastidões de Luiz de Miranda  
o vento pampeiro de Carlos Nejar!  
as vinhas sagradas de Maria Carpi o sopro  
modular de Cláudio Murilo Leal  
o espelho do menino Alberto da Costa e Silva  
as velocidades sujas de Ferreira Gullar!

Socorro! Socorro!

que meus negros olhos  
flutuam  
na existência  
de um abismo  
penitente  
e transitório

Senão é amar  
sob todos os feitiços de fúria

e mesmo assim e ainda  
amar  
sob todas as réstias de dor

sob todos os motivos de amor

Opus VII:  
**OS DESASSOSSEGOS  
PÁSSAROS**

*Para Álvaro Alves de Faria*



Os dragões da memória  
são as doses ébrias  
do esquecimento

Na insônia,  
o escuro vislumbra  
a noite dos fantasmas  
que regressam  
do sono inesperado  
dos pássaros

A tempestade  
inunda  
o pergaminho furta-cor  
em que escrevo  
esse clarão incendiário

A memória é um relâmpago  
na misericórdia dos anos  
indesejados  
não retrocede à chama  
das molinetas  
nos temporais acesos

A chuva  
que ora desaba sobre mim  
denuncia as águas passadas  
dos sonhos evadidos

pelo tempo da saudade  
represada

À memória,  
a única  
verga do mar  
sem sossego

Opus VIII:  
**SOLILÓQUIO  
DE UM RATO**

*Para Reynaldo Valinho Alvarez*





Foram embora meus livros...

Antes que as traças  
(inimigas implacáveis dos pergaminhos imaginários)  
os tornassem carcomidos em seus  
repentinos ataques de vertigem.

Antes que o fogo das cidades fantasmas os  
consumissem por inteiro, na fuligem de Alexandria.

Antes que as águas inundantes das chuvas  
molhassem seus lombos frios de almas pesarosas.

Antes que os ladrões cercassem o abismo  
de suas vagas tempestivas e repletas de infortúnios.

Antes que os ratos, na rapina metafísica, fugissem  
por caminhos sinuosos, em signos aturdidos.

Antes do despejo e do silêncio, nos monturos  
da morte. Antes da minha destinada morte!

Antes que Altair os expulsassem, por não mais  
haver espaço no abrigo da morada do ciúme,  
pois, para os livros, dava parte do meu amor.

Quanta memória se foi!  
Quantas lembranças esvaídas!

Meus livros autografados por medalhões...  
Meus livros ventilados na seita do bom gosto...

Quanta literatura coube no meu bolso?  
Quanta estética pairou sobre mim!

Livros raros, antigos, variados...

Leituras de faces multiplicadas:

Adeus Rainer Maria Rilke!  
Meu desesperado adeus a Goethe!  
Meus braços balançam no adeus a Hölderlin!

Dou adeuses aos meus heróis escondidos...  
Voai, voai... Todos os seres da minha formação.

Que só eu li e reli  
no egoísmo das paredes interiores da casa  
de meus avós, depois, em minha própria casa,  
em outra margem, em outros céus nebulosos.

Minha biblioteca melindrada desde a infância  
quando as descobertas são limites!  
Outros planos incendiários!

Minha biblioteca...  
recanto de um mundo que criei para mim!  
Muralhas isentas das complexidades  
de outras existências...  
As luzes do amor relampejando...

Ai, o quão me doem essas ausências!

Já ultrapassavam seis mil inventários  
(na tenra idade dos meus vinte e quatro anos, quando  
pensei ser Castro Alves e ter asas para lograr a sina)  
uma quilha de sentimentos  
conservados intactos.

O cheiro de sua matéria  
ainda prescinde a minha saudade.

Quanto amor dei aos livros?  
Quantas sombras de mundos custaram os  
meus encantos, em suas linhas selvagens?

Eles trilharão de mão em mão  
nos sebos empoeirados  
levando meu nome  
no rosto de suas folhas  
encardidas  
do meu olhar  
sobre o negro  
amarelado  
dos sonhos

Não os verei maduros  
no introspecto do tempo!

Meus livros se foram  
armadilhados por segredos desumanos...  
por trapaças injustas... por enganos soturnos...  
por misérias tropeçadas... por alentos profanados...

Ai! Que lágrima fendida no peito ferido!

Não mais os verei...

Eles amanhecerão no coração  
de outros cultos – fabulosos  
de outros magos – pavorosos  
de outros meninos solitários  
na palavra e na redenção  
de outras ilusões  
deserdadas

Mas minhas mãos,  
as digitais impressas de dores,  
estarão ainda ali  
apalpando as voragens primeiras  
dos poetas adormecidos  
dentro das poeiras  
da minha loucura  
andarilha.

Meus livros e eu,  
fomos um só!

Um corpo alado de pássaro  
singrando as cordas  
do tormento.

Por ora,  
são ausências  
somentemente ausências  
– esses livros –  
que não mais se revelarão  
ao seu devorador perdido  
em sangrenta memória.

Dou por testemunho:

meus olhos  
que ardem  
na insônia  
por sabê-los  
eternamente  
desgarrados  
da aurora  
do meu espanto.

Quanta falta fazem meus livros  
onde vi os moinhos acelerando as águas  
onde senti os ventos calhando as rosas  
onde bebi os presságios  
e vaticinei os cavalos  
na vastidão das escrituras...

Quanta falta fazem meus livros!  
Os originais, aqueles da apaixonada sede  
que permitiram o galope  
de um horizonte azulado  
além da cruel realidade.

Ah, Quanta falta fazem-me esses livros!

Hoje sei que estou menor  
– e melancólico –  
nos porões  
da minha vera história.

Opus IX:  
**O ZÍNGARO**

*Para Ives Gandra da Silva Martins*

Do celeste  
autêntico:

a dor  
a revelar-se  
verdadeira

Meu relógio parado  
para as bestialidades  
do adormecimento  
em cantos divinizados

Outra noite,

o supremo Anjo  
com mantas  
estelares  
pairou sobre os  
meus ombros

e a luz de seu vulto  
ofuscou o meu corpo  
nas sombras  
da chuvosa paisagem

Eu não sei  
ou nada sabia  
sobre mistérios

iluminados  
de um zíngaro  
em predestinação  
terrenal

Deus aparece azul  
na melancolia das  
palavras doloridas  
e reveste a alma  
de vinhos e fugas  
em sublimes ardentias

o hino aberto  
nos dias dilacerados  
pelo Medo

os Tempos pavorosos  
em Amor tempestivo  
na aurora das rosas  
sonoras da sobrevida  
repartida em prantos  
dos cavalos presságios  
em olhares vários

o susto  
e a redenção  
de um vento  
passageiro  
no horizonte  
constelado  
e vocacionado  
à dor



na grande  
força  
do etéreo  
desvelado  
sobre mim

Opus X:  
**ÀS VÉSPERAS  
DO AMOR**

*Para Paulo Bomfim*

Mãe,  
todos  
os anos  
quando  
os sinos  
e o lumiar  
das estrelas  
antecedem  
o nascimento  
do redentor  
dos nossos  
planos  
semeadores  
das dores  
insurportáveis  
do mundo  
                  uma saudade  
angustiada  
impera  
irredutível  
na alma  
canônica  
das coisas  
instintivas  
dentro de mim

Minha Mãe,  
seu rosto está aqui

no meu coração  
a palpitar  
surpreendido  
de Amor  
tardio  
e lacrimoso

repleto  
de vozes  
sonhadoras  
nas entranhas  
do sangue  
privilegiado  
por sua  
dose de alimento  
amoroso

De braços  
estendidos,  
recebo  
as suas palavras  
agora que são minhas  
de infinito Amor  
no desespero  
das léguas

na distância  
do azul  
e dos pássaros

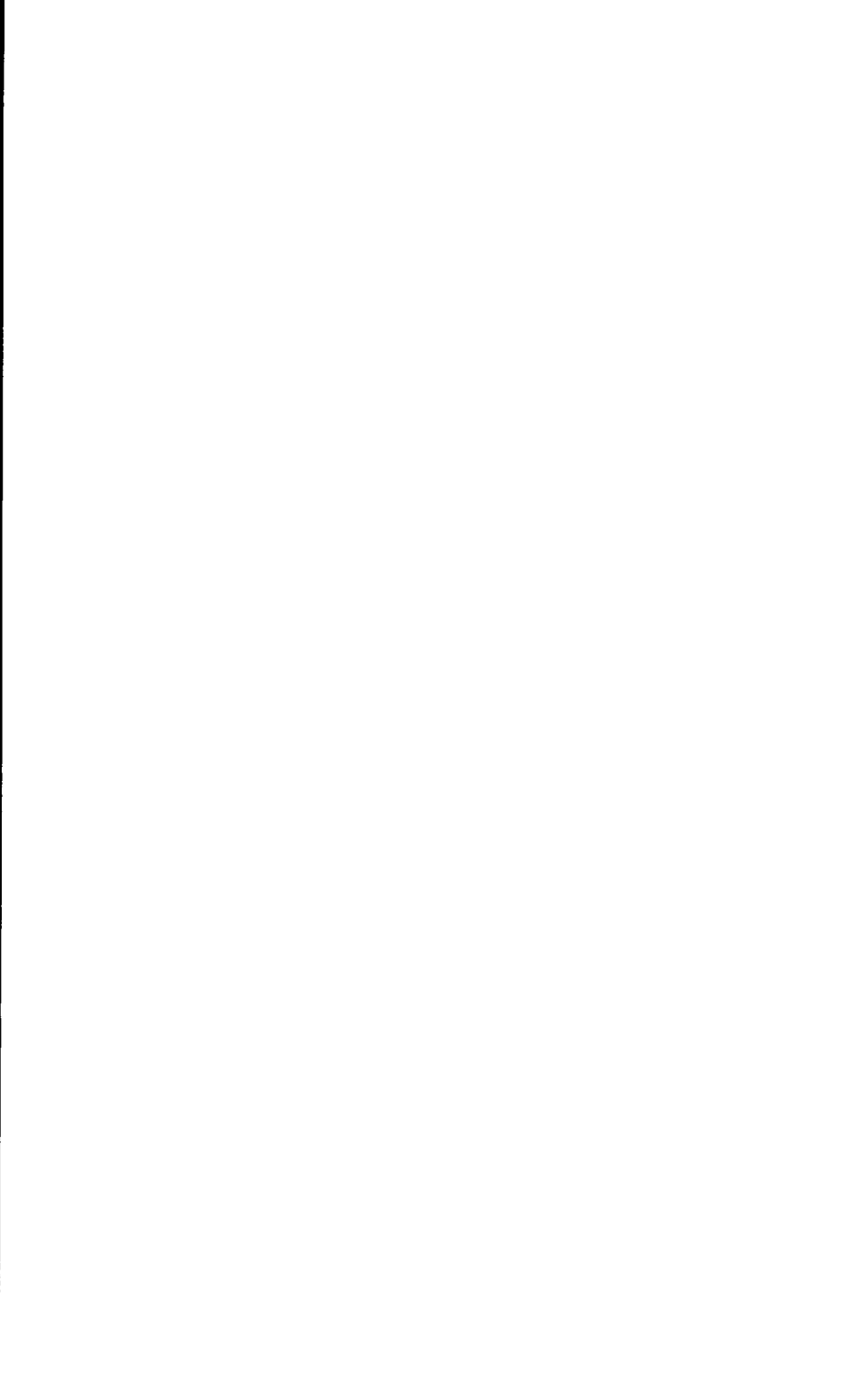
no horizonte  
do descampado  
olhar  
retrocedido

Envelhecida  
está a minha  
matéria

ao alcance  
dos céus  
e da miséria  
humana

às vésperas  
do imenso  
Amor  
de Deus

sob as horas  
dos raios  
desolados  
do Tempo  
em destilamento  
de fúrias,  
muros  
e fortalezas  
destronáveis  
nos pães  
da carne  
e na própria dor  
fermentada  
às vésperas  
do doloroso Amor



---

EDITOR A

[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)

[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)

A U T O R

E-mail: [diego\\_mendes\\_sousa@hotmail.com](mailto:diego_mendes_sousa@hotmail.com)

Tel: (86) 99451-5454

---

---

Este livro foi composto em Sabon LT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen bold 90 g/m<sup>2</sup>, em março de 2019.

---



No encontro do poeta com o profeta:

“consertar as guias  
do profeta é iluminar  
o piso do poeta.”

Mais do que a esperança, a sobrevivência da poesia é ser noturna.

Qual zíngaro, o viajor tange as cordas de seu violino ao longo de andanças do sem fim...

LUIZ GONDIM DE ARAÚJO LINS

é médico e escritor.

Da União Brasileira de Escritores/RJ.

Da Academia Brasileira de Médicos Escritores.



**DIEGO MENDES SOUSA**

é filho da Parnaíba, costa norte do Piauí. Estreou na Literatura Brasileira aos 16 anos de idade com o seu ousado livro “Divações” (Edição Independente, 2006), que ganhou destaque nacional e internacional pela inclusão dos seus poemas no “Poemário” da I Bienal Internacional de Poesia, ocorrida em Brasília-DF, com idealização do escritor Antonio Miranda. Pela Editora Penalux, publicou “Gravidade das Xananas” e “Tinteiros da Casa e do Coração Desertos”. É Advogado e Indigenista Especializado da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Membro titular da Academia Brasileira de Direito; do PEN Clube do Brasil e da Associação Nacional de Escritores (ANE).

“Diego Mendes Sousa tem largueza de espírito. O que é dom. E de uma nova maturidade, a de saber ver, o que pertence a raros. Belos, ternos versos os dele. Da terra do coração”.

CARLOS NEJAR, poeta universal,  
da Academia Brasileira de Letras.



[editorapenalux.com.br](http://editorapenalux.com.br)